

“POR TRÁS DAS MÁSCARAS QUE NOS SUFOCAMOS”: A CONDIÇÃO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA

“BEHIND THE MASKS WE SUFFER”: THE CONDITION OF CHEMICAL DEPENDENCE IN CONTEMPORARY SOCIABILITY

Vanessa Melgaço Lucas

Assistente Social (Fametro). Especialista em Políticas Públicas e Seguridade Social (FaC). Assistente Social e Coordenadora de Projeto do Instituto de Neuroreabilitação Mão Amiga.

RESUMO

Debater uma temática tão complexa como a dependência química inerente à sociabilidade contemporânea implica destacar elementos que são necessários para a compreensão da condição de “ser” um dependente químico nesta sociedade. Estas novas relações são frágeis e líquidas e, por sua vez, há o viés da política “proibicionista” na qual se percebe a instauração de uma “guerra às drogas”. Além disso, existe o estigma que possibilita a existência de preconceitos e discriminações do usuário de drogas e do dependente químico. A metodologia do estudo envolveu pesquisa bibliográfica e análise documental que leva ao objetivo de compreensão da dependência química como fenômeno complexo dentro da lógica das novas formas de sociabilidade. Esta forma de enxergar a dependência química que culpabiliza o sujeito frente ao Estado opressor, simplificando os fatores que levaram ao vício como também as formas de tratamento, dentre elas usando a “força bruta”, gerando um círculo vicioso de estigma e preconceito.

Palavras-chave: Dependente químico. Estigma. Estado.

ABSTRACT

Discussing a theme as complex as the chemical dependency inherent in contemporary sociability implies highlighting elements that are necessary for understanding the condition of being a chemical dependent in this society. These new relations are fragile and liquid, and in turn, there is the bias of the “prohibitionist” policy in which the creation of a “war on drugs” is perceived. In addition, there is the stigma that allows the existence of prejudices and discriminations of the drug user and the chemical dependent. The methodology of the study involved bibliographic research and documentary analysis that leads to the objective of understanding chemical dependence as a complex phenomenon within the logic of new forms of sociability. This way of seeing the chemical dependence that blames the subject against the oppressive state, simplifying the factors that lead to addiction as well as the forms of treatment, among them using “brute force”, generating a vicious circle of stigma and prejudice.

Keywords: Chemical dependent. Stigma. State.

1 INTRODUÇÃO

Tratando-se da dependência química na atual forma de se relacionar, estas frágeis, ligeiras, líquidas a sentença é “você é livre para escolher, mas as consequências são de sua responsabilidade, sua culpa e sua vitória ou derrota dependerá somente de você”, há um fracasso se não houver o “estar e permanecer à frente” (BAUMAN, 2008, p.107), significa que há inclusão e, estando incluso, não existe estigma e sofrimento. Com relação às drogas, pode-se dizer que excluem para incluir. A exclusão parte do sentido de que estes indivíduos passam a conviver com outras formas de sociabilidades, no sentido que se exclui da sociedade comum a qual não tem como hábito o uso contínuo de drogas, mas, por sua vez, se incluem em grupos fechados de usuários de múltiplas drogas.

A sociedade está canalizada para o consumo que, na sua dinâmica, põe acelerada rotação de informações e inovações não atingindo somente as relações, mas também sujeitos, coisificando-os¹ para se tornarem meras mercadorias. Ressalta-se que a sociedade contemporânea é uma sociedade de consumidores e que consumir “não se relaciona à idade, gênero ou grupo social”. (BAUMAN, 2008, p.75)

O discurso de descriminalização do “ser dependente químico” é o resultado de uma sociedade mercantilizada e estigmatizadora. Portanto, dependente químico é categorizado, conduzindo-o não apenas para os estigmas sociais, mas, também, para responsabilidades em estar sempre bem. Esta é a verdadeira “máscara que nos sufocamos”. Tal fato passa a estimular o sentimento que conduz o sujeito a tentar se igualar ou a superar o outro, ou seja, instrumenta a emulação social, dando ao indivíduo “coisificado” a sensação de liberdade, de poder, de conquista que não se difere da sensação causada pelo uso da substância psicoativa.

Outrossim, há o questionamento: como na sociedade contemporânea do século XXI o Estado vem enfrentando a questão da dependência química? Nesse contexto, tem prevale-

cido o caráter de proibição e criminalização dos sujeitos que usam ou abusam das drogas. A humanidade sempre usou substâncias psicoativas, mas a repressão nem sempre existiu. A proibição, segundo Karam e Skromov (2013, p.148), é “globalmente imposta, trouxe uma ilegítima intromissão do Estado na liberdade individual e uma desastrada intervenção do sistema penal”, ou seja, nota-se que é mais relevante as ações do sistema penal do que a saúde do indivíduo.

À vista disto, o presente artigo objetiva a compreensão da dependência química como fenômeno complexo dentro da lógica das novas formas de sociabilidade. Esta forma de enxergar a dependência química que culpabiliza o sujeito frente ao Estado opressor, simplificando os fatores que levaram ao vício como também as formas de tratamento, dentre elas usando a “força bruta”, gerando um círculo vicioso de estigma e preconceito.

2 “QUEM DIZ QUE ME ENTENDE, NUNCA QUIS SABER”: ESTADO, INSTRUMENTALIZAÇÃO DO SUJEITO PELO CONSUMO E ESTIGMATIZAÇÃO DO DEPENDENTE QUÍMICO NA SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA

Estigma é uma cicatriz provocada no corpo por machucado ou ferida caracterizado, também, como uma pinta ou sinal do corpo. No âmbito religioso, são as chagas de Jesus Cristo. No sentido figurado, é considerado como indigno, de má reputação, desonroso². Esses são os significados da palavra estigma. Estigma recorda, certamente, algo que é ruim, catastrófico. “Carregar” um estigma seria trazer consigo um verdadeiro demônio. Para Bauman (2001, p.104), “exercitar os demônios interiores requer uma atividade positiva e muita ação e não a retirada e o silêncio”. Bauman está certo. Quem de nós tem a verdadeira coragem de exercitar os próprios demônios? Quem de nós tem a coragem de revelar-se?

¹ Termo utilizado por Bauman em suas obras de referência como Vida para Consumo e Modernidade Líquida.

² Todas as informações e significados da palavra “estigma” foram retiradas do sítio <http://www.significados.com.br/estigma/>. Acesso em: 16/10/ 2017.

Em “No meio do Caminho”, Carlos Drummond de Andrade foi brilhante na perspectiva teleológica que o ser humano possui.

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra. Nunca me esquecerei
desse acontecimento na vida de
minhas retinas tão fatigadas. Nunca me
esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra³

O homem pode perceber a pedra no meio do seu caminho como algo que é capaz de interferir ou não na sua vida cotidiana. Então, o mesmo terá a capacidade de modificar a condição na qual se encontra, é capaz de transformar aquela realidade ao retirar a pedra do seu caminho, se assim desejar. Todavia, a complexidade está em ter a possibilidade de se reconhecer como sujeito histórico nessa sociabilidade pelo capital e pelo consumo. Para Bauman (2008, p. 41), “de maneira distinta do *consumo*, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o *consumismo* é um atributo da *sociedade*”. Atributo de uma sociedade que gira em torno do capital, que carrega uma liquidez⁴, uma modificação da sociabilidade humana frente a uma sociedade acelerada e conectada o tempo inteiro, modificando o modo de se relacionar-se, de compreender o mundo, de compreender a si mesmo. Como lembra Chauí (2001, p.55):

As coisas-mercadorias começam, pois, a relacionarem-se umas com as outras como se fossem sujeitos sociais dotados de vida própria (um apartamento estilo “mediterrâneo” vale um “modo de viver”, um cigarro vale “um estilo de viver”, um automóvel zero km vale “um jeito de viver”, uma bebida vale “a alegria de viver”, uma calça vale “uma vida jovem”, etc. etc.). E os homens-mercadorias aparecem como coisas (um nordestino vale R\$ 20,00 à hora, na construção civil, um médico vale R\$ 2.000,00 à hora, no seu consultório, etc.etc.). A mercadoria passa a ter vida própria, indo da fábrica a loja, da loja a casa, como se caminhasse sobre seus próprios pés.

³ Poema de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma- poesia/no-meio-do-caminho/>>. Acesso em: 20/10/2017.

⁴ Termo originado de Bauman em *Vida Líquida*, *Modernidade Líquida*, *Amor Líquido*, *Medo Líquido*, dentre outros.

Percebe-se o possível diálogo entre Chauí e Bauman. Bauman assinala que existe uma “coisificação” do indivíduo que o reduz para a lógica do dinheiro, ou seja, o homem é um produto monetário que pode ser substituído a qualquer momento. O sujeito perde sua identidade enquanto um ser social e passa a ser tratado como uma mera mercadoria, como ressalta Chauí. Isto é um preço muito alto.

Um preço muito alto, obra é do autor Carl Hart, neurocientista e, atualmente, professor da Universidade de Columbia. Hart inova acerca do que é a visão do mundo das drogas em relação às políticas, em relação aos usuários e adictos, em relação às próprias drogas. Para Hart (2014), estudar as drogas em profundidade, estudar acerca dos efeitos causados pelo uso e pelo abuso das mesmas geram implicações essenciais para o tratamento do vício e para as políticas públicas. A vontade de usar, o desejo são iguais, ou melhor, são as “mesmas regras que se aplicavam aos outros desejos humanos” (HART, 2014, p. 248).

Ressalta-se que o estigma possibilita a existência de preconceitos e discriminações do usuário de drogas e do dependente químico que, por sua vez, reforça a estigmatização. É um verdadeiro círculo vicioso. Além disso, dispõe-se de um Estado punitivo e que guerrear contra as drogas. Para Hart (2014, p.248):

Ficou cada vez mais claro para mim que nossos próprios preconceitos sobre a utilização de drogas e nossas políticas punitivas em relação aos usuários faziam com que as pessoas que consomem drogas parecessem menos humanas e menos racionais.

A percepção do estigma está como a sociedade vê o usuário e o dependente químico, como a mídia trata esses indivíduos. Os sujeitos que são viciados em drogas “não são movidos apenas pelas drogas” (HART, 2014, p. 248), mas buscam recompensas através delas. Para Goffman (1988), um indivíduo que tem um estigma, que carrega uma “culpa” não é visto como um humano. Como o próprio Carl Hart alerta “menos humanas e menos racionais” e, com base nisso, ocorrem discriminações e preconceitos com estes indivíduos que

já são corpos que sofrem fisicamente. Goffman (1988, p. 8). ainda alerta sobre a construção da teoria do estigma:

Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para poder explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma quando falamos aleijado, bastardo, retardado em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original.

Assim, há uma disseminação incontrolável de repúdio às drogas, discursos fortemente marcados pelo combate e repressão, e a dependência química torna-se uma questão punitiva e não de saúde pública. Hart (2014) chama a atenção para a educação pública sobre as drogas sendo cientificamente informada e que repercute nas escolhas e condição da saúde humana, bem como na elaboração de políticas públicas menos equivocadas e mais efetivas. Ao falar de estigma, também é necessário retomar a questão da sociedade de consumidores, ou seja, a sociabilidade contemporânea.

A sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008) não escolhe idade, gênero ou classe social, bem como a dependência química. O que está no centro da sociedade de consumidores é a “vendabilidade⁵” do corpo. Ainda de acordo com Bauman (2008, p.76), “investimento que serve para o “valor social” e a autoestima do indivíduo”, os próprios sujeito são mercadorias e que, por sua vez, podem ser descartados. A dependência química torna o sujeito improdutivo para o sistema capitalista. Para Yamamoto (2011, p. 57-58,)

só é produtivo para o capitalista e para o Estado, visto que produz a “força produtora de riqueza para outros”, ou seja, o indivíduo que busca se tratar, ao voltar para sua comunidade, o mesmo se encontra disfuncional para o Estado. É o discurso do ser humano vazio que, dificilmente, encontrará uma boa oportunidade de emprego, por exemplo.

Não estou aqui escrevendo que a dependência química é algo bom e que a sociedade

estigmatiza, oprime, discrimina etc. faz isto pelo desejo do ódio. É um fato comprovado que as drogas podem levar ao vício. Existem critérios médicos que definem e diferem o uso e o abuso de substâncias psicoativas. Como mencionado anteriormente, a educação científica sobre os efeitos causados pelo uso e pelo abuso das drogas seria uma boa alternativa de mudança. São necessárias mais informações dadas cautelosamente e não uma linguagem de medo, de pânico, de terror, isto só estigmatizaria ainda mais tais sujeitos. Carl Hart é firme quando descreve esta situação:

Apesar de conhecer o potencial de abuso e dano dessas drogas, eu enfatizava que os dados científicos a seu respeito eram, em geral, mal interpretados, com uma ênfase deformada nos relatos episódicos. Explicava que essa situação não apenas estigmatizava de forma equivocada os que usam e abusam das drogas, como também levava à adoção de políticas erradas (HART, 2014, p.308).

Hart observa que a informação errada pode ser um grande aliado no que tange ao estigma. Discurso de pânico e o terror das drogas não seria a solução mais satisfatória. Isto também gera políticas equivocadas, medidas cruéis. Recompensa e castigo. O estigma traz graves consequências e isto é um fato. Ele gera uma responsabilização do “ser dependente químico” e de qualquer categoria estigmatizada. É fruto de um Estado moralizante!

Ressalta-se que Estado, na concepção gramsciana, lembra Portelli (1977) o Estado burguês é instância de expansão do poder, uma força repressiva que mantém os indivíduos desorganizados, fracos e subordinados ao mesmo. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SISNAD) articula estratégias para que haja a participação da sociedade civil no monitoramento das políticas públicas sobre drogas e, sendo assim, visa o compartilhamento de responsabilidade nas ações de redução da demanda de drogas no Brasil.

No Brasil, o discurso continua fortemente imbricado na sociedade que o reproduz facilmente. Hart alerta que o caráter repressor e punitivo que ele observou nos Estados Unidos foram ineficazes e discute o encarceramento dos indivíduos como algo desastroso, nota-se que:

⁵ Ver Bauman em Vida para Consumo (2008, p. 75).

Hoje há toda uma literatura demonstrando que a oferta de reforços alternativos melhora os resultados do tratamento do vício. Ela é uma medida muito mais eficaz que recorrer a expedientes punitivos, como o encarceramento, que com frequência se revela menos útil a longo prazo (HART, 2014, p.262).

Ao pensar a atuação do Estado nesse espaço de conflitos sociais, afunila-se uma dinâmica nas esferas da segurança pública, assistência social, educação, esporte, cultura, lazer, etc. Esses instrumentos da máquina Estatal têm o papel fundamental de materializar suas problemáticas específicas de forma organizada, a fim de trazer resultados satisfatórios para sociedade como, por exemplo, a segurança pública que precisa de policiais coordenados e comandantes honestos. Da mesma forma, a questão da saúde e educação que podem se tornar grandes aliados no enfrentamento do crescimento do uso de drogas e seus malefícios.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do percurso analítico deste artigo, nota-se que o “ser dependente químico” é estigmatizado por si, assim como pela sociedade de um modo geral. De fato, o dependente químico sofre as mazelas do preconceito intrínseco nesta sociedade desigual. A droga, de alguma forma, se transforma numa ferramenta de utilização para “chamar atenção” para problemas ou para fugas dos sujeitos, todavia, esse método não é dos melhores, uma vez que se pode chegar a situações degradantes de sofrimento nas drogas.

Esta forma de enxergar a dependência química que culpabiliza o sujeito frente ao Estado opressor, simplificando os fatores que levaram ao vício, como também as formas de tratamento, dentre elas usando a “força bruta”, são características de políticas “proibicionistas” que resultaram no crescimento da severidade das diferentes legislações, ficando sob a ótica belicista, ou seja, de “guerra às drogas”. Para mais, esse viés agravou o estigma e a “coisificação” do ser humano dentro duma sociedade de consumidores, numa sociedade com um novo paradigma de relações sociais, uma sociedade

acelerada e com forte apreço ao valor das coisas.

Nessa perspectiva, este estudo trouxe contribuições necessárias ao entendimento acerca da dependência química dentro das novas relações sociais – com ênfase na sociedade de consumidores - frente ao Estado moralizante. São temáticas de extrema complexidade e muito recentes. É necessária a compreensão de que a superação do vício exige o trabalho em rede com envolvimento de várias políticas e atores. É dever do Estado garantir a prestação de serviços incorporados às políticas públicas sobre drogas e à política pública de atenção à pessoa que sofre com o abuso de substâncias psicoativas e não um caráter punitivo e de opressão, pois não é harmônico para o propósito de superar o vício.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. **No meio do caminho**. Disponível em: < <http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/no-meio-do-caminho/>. Acesso em: 20/10/2017.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **Vida líquida**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CHAUÍ, M. S. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2001.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. LTC, 1988.
- HART, C. **Um preço muito alto**: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre drogas. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação teórico-metodológica. 35ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KARAM, M. L. SKROMOV, D. **Internações**: aspectos políticos, jurídicos e a sua interface com a saúde mental. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Comissão Nacional de Direitos Humanos do CFP. **Drogas, direitos humanos e laço social**. Brasília: CFP, 2013. p. 148-167.
- PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- SIGNIFICADOS. **Significado de Estigma**. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/estigma/>>.